



CORPOBIOGEOGRAFIAS de um Bugre¹

BODYBIOGEOGRAFÍAS de un Bugre

BODYBIOGEOGRAPHIES of a Bugre

Edgar César Nolasco²

Resumo: A proposta do ensaio, cuja teorização advém da crítica biográfica fronteira, procura pontuar que o conceito de corpobiogeografia ganha relevância quando se leva em conta o biólócus dos des-sujeitos envolvidos na vida e na teorização que arrola os respectivos corpos. Para mostrar tal inter-relação, o autor partiu do quase conceito de grafia-de-vida de Silviano Santiago, encontrado no livro *Fisiologia da composição* (2020), e da expressão “fisiologia dos andariegos”, como se lê em epígrafe aposta do poeta Manoel de Barros. Atrelado a isso o autor priorizou a ideia de “bem-viver” privilegiada pela descolonialidade para reiterar o quanto o conceito de corpobiogeografia está atravessado pelo lugar onde se encontra o corpo de todos os des-sujeitos envolvidos, tanto na vida (no caso, o bugre do texto), quanto na teorização (no caso, o autor do texto). Soma-se a tudo isso o conceito de “biogeografia” apresentado pelo estudioso Marcos Antônio Bessa-Oliveira, como sinaliza a segunda epígrafe do texto.

Palavras-chave: corpobiogeografia; teorização descolonial; crítica biográfica fronteira.

¹ Este ensaio de teorização despoética é uma versão desenvolvida do texto que apareceu inicialmente no livro *O teorizador vira-lata* (2023).

² Edgar César Nolasco é docente da UFMS e Coordenador do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: ecnolasco@uol.com.br ou edgar.nolasco@ufms.br.

Abstract: A proposal for the essay, whose theorization advém frontier biographical criticism, seeks to point out that the concept of corpobiogeography gains relevance when one takes into account the biolocus of two des-subjects involved in life and in the theorization that surrounds the respective bodies. To show such inter-relationship, the author part of Silviano Santiago's quase concept of graph-of-life, found in the book *Fisiologia da composição* (2020), and gives the expression “fisiologia dos andariegos”, as read in the epigraph by the poet Manuel de Barros. Attributed to this, the author prioritized the idea of the “bem-viver” privileged by decoloniality to reiterate how much the concept of corpobiogeography is crossed by the place where the body of all the unsubjects involved is found, both in life (not case, or bugre do texto), quanto na teorização (no case, or author of the text). Take a look at all the isso or concept of “biogeography” presented by the scholar Marcos Antônio Bessa-Oliveira, as indicated in the second epigraph of the text.

Key-words: bodybiogeography; decolonial theorizing; biographical criticism fronteiraça.

Resumen: El propósito del ensayo, cuya teorización proviene de la crítica biográfica límite, busca señalar que el concepto de corpobiogeografía cobra relevancia cuando se tiene en cuenta el biolocus de los des-sujetos involucrados en la vida y en la teorización que enumera los respectivos cuerpos. Para mostrar esta interrelación, el autor partió del cuasiconcepto de vida-grafía de Silviano Santiago, que se encuentra en el libro *Fisiologia da Composicao* (2020), y de la expresión “fisiologia dos lariegos”, tal como se lee en el epígrafe apostado por el poeta Manuel de Barros. Ligado a esto, el autor priorizó la idea de “buen vivir” privilegiado por la decolonialidad para reiterar cuánto el concepto de corpobiogeografía está atravesado por el lugar donde se encuentra el cuerpo de todos los des-sujetos involucrados, tanto en la vida (en en este caso, el bugre del texto), y en la teorización (en este caso, el autor del texto). A todo esto se suma el concepto de “biogeografía” presentado por el erudito Marcos Antônio Bessa-Oliveira, como se indica en el segundo epígrafe del texto.

Palabras clave: corpobiogeografía; teorización decolonial; crítica biográfica límite.

Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntees como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber

o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.

Manoel de Barros. *Poesia completa*, p. 327.

A poética e importante passagem do poeta Manoel de Barros ganha em importância dentro da discussão que proponho quando a aproximo do que o intelectual brasileiro Silviano Santiago propõe em seu livro *Fisiologia da composição* (2020). Explico-me, transcrevendo a parte inicial da passagem do poeta aposta como epígrafe: “penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos”. Conhecer a fisiologia dos andarilhos corresponde a inserir no bojo da discussão teórica a presença incontestada do corpo desse des-sujeito andarilho dos lugares e das fronteiras, tal qual um bugre cujo sina é a de andar, atravessar pelos caminhos ermos que se apresentam em sua própria condição de andarilho e de fronteiro. De modo que estudar a sua fisiologia é deter-se em sua relação, e na relação de seu corpo com a natureza e com os lados e atravessamentos que fazem o que aqui estamos denominando de fronteira-sul. Tal junção que se estabelece entre corpo e lugar pode corroborar tanto para o contorno biográfico do que pode ser entendido por corpobiogeografia, quanto por o que Silviano Santiago entende por *grafia-de-vida*³. A Relação homológica entre o corpo do bugre andariego do lugar e o seu atravessamento compõe sua biogeografia, e esta composição se dá por meio de seus traços biográficos, o que Silviano nomina de grafias-de-vida. No bojo dessa discussão, devemos entender que biogeografia é sempre, antes de mais, uma *corpobiogeografia*, uma vez que sem consideração, ou presença do corpo na teorização não há biogeografia possível. Nesse sentido, transcrevo esta passagem de Silviano:

Pelo recurso ao conceito de *composição* e graças à análise do processo de compor literatura, pretendo expor a *relação homológica* que se deixa surpreender e se expõe na análise contrastiva entre *grafia-de-vida* (evito *biografia* por ser vocábulo semanticamente carregado; opto por neologismo, *grafia-de-vida*, de valor neutro) e *composição* artística, levando em conta a série gênero literário.⁴

Ao privilegiar o ato de compor mais do que o texto em si, Silviano acaba por chamar a atenção que há um trabalho a ser feito sobre o modo como a teoria

³ Sobre o conceito, ver o livro *Fisiologia da composição* (2020), de Silviano Santiago.

⁴ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 14.

literária, bem com a metodologia da disciplina de Literatura comparada, recalçaram a questão da *grafia-de-vida* do autor na leitura do texto. A proposta ensaística que resulta no livro *Fisiologia da composição* é, nas palavras do autor, “um esforço para retirar, na teoria e na prática da leitura, a mordada de sua boca”.⁵ Na sequência de sua discussão, o autor questiona a metodologia vigente da literatura comparada.

Na discussão que aqui se segue, adianto que o modo de compor da teorização deve ser entendida como uma marca indelével da biografia do bugre enquanto um des-sujeito que tem seu corpo atravessado pela teorização e pelo lugar de onde ele deixa (e é deixado) que sua história local seja narrada. Se, a relação homológica entre o corpo desse bugre-personagem e o seu entrelugar fronteiriço desenha as marcas de sua biografia (*grafia-de-vida* para Silviano), a condição do *bem-viver* (MIGNOLO) torna-se uma preocupação de fundo conceitual porque se dá sob a rubrica de uma *corpobiogeografia*, como espero que a narrativa-teorizada pontue.

1. BEM-VIVER bugresco

Um processo criativo *biogeográfico* é um processo do corpo que vive em situação de fronteira como espaço de exterioridade. O processo criativo *biogeográfico* é, antes de tudo, um fazer que emerge do corpo desobediente à colonialidade.

BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, processos criativos & a covid-19*

Quando o teorizador vira-lata⁶ era menino aos 9 anos seu pai o chamava de *O bugre*. Isso já faz mais de quarenta anos. Vou tentar aqui, mesmo que de forma muito breve, explicar o motivo de tal alcunha, apesar de eu mesmo não estar devidamente convencido de tal razão. Todavia, o que importa mesmo é saber que esse tempo que compreende a infância do menino aos 9 anos e que, de uma forma particular, se prende ao modo como seu pai o chamava contorna um *esboço do passado* significativo de sua vida, o que me permite, por conseguinte, narrar a vida dele até onde me é permitido. (Pelo menos é isso que venho tentando fazer aqui.)

⁵ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 88 (nota 35).

⁶ Sugere-se que se leia o livrinho *O teorizador vira-lata* (2020).

Bugre, para seu pai, eram todos aqueles homens-fronteira que deixavam o seu lugar de fronteira para trás e se aventuravam a pé pela imensidão do Oeste e depois. No que pese a comparação, seu pai o chamava de bugre devido ao menino ficar negaceando pelo campo afora atrás de ninhos de galinhas, ou mesmo quando se metia na macega atrás de guaviras maduras no pé.

Foi por essa época, com certeza um pouco antes, que o menino aprendeu a ler na cartilha *Caminho Suave*. (Fora alfabetizado em casa mesmo, por sua mãe, juntamente com as demais crianças e jovens que viviam ali nas terras da Revolta.) Assim que aprendeu a ler e a escrever saiu rabiscando e garatujuando a carvão as portas e janelas da casa antiga. Entre aquela floresta negra de linguagens ininteligíveis sobressaía a palavra “Bugre” por todos os cantos e lugares. O amor que o menino guardava pela palavra era o mesmo que ele sentia quando seu pai o chamava de O bugre. (Via-se isso no cuidado que ele tinha em contornar as cinco letras da palavra, uma a uma.)

Também aprendeu, desde muito cedo, a garatujar, pelo entorno da casa inteira, o que ele entendia por fronteira-sul. Só se sabia tratar-se dela porque ele punha as iniciais “F.-S.” embaixo da garatuja. O menino aos 9 anos não sabia, mas talvez já pressentisse, que a fronteira-sul seria para sempre um corpo incontornável para ele, inabordável mesmo, incapturável em sua extensão. Somente muito mais tarde, já como mestre universitário, ele viria a desaprender para re-aprender o que havia aprendido sobre o que podia ser fronteira-sul para ele. Se, por um lado, a fronteira-sul material deu a ele uma condição de pertença ao lugar; por outro, desaprender para re-aprender aquele corpo-paisagem-imaginário como um lugar epistêmico relegou a ele o direito de poder propor e fazer uma teorização despoética infinita sobre o seu entendimento fronteiriço.

Fazia parte ainda das ocupações a despropósito do menino-bugre àquela época, invariavelmente durante as tardes da Revolta: subir nos ervais para avistar o gado na ilha da revolta; escutar os gonzos do portão baterem à entrada da sede; atravessar o portãozinho que dava para o lado Sul e se perder sob as aroeirinhas do campo. Já caçar ninhos de galinhas e colher guaviras eram tarefas que ele fazia mais pelas manhãs. A colheita das guaviras mais tarde ia prenunciar a proximidade das férias grandes, com a chegada das festas de final de ano na Revolta. O teorizador vira-lata, como legítimo homem fronteiriço nativo, herdou do menino-bugre aquela prática de observador nato da natureza: até hoje, quando deixa a cidade e volta para as terras da Revolta, mesmo que muito raramente,

gosta de se pôr em silêncio para ouvir a panguana do outro lado da fronteira-sul. Como bom homem fronteiroço nativo que é, reconhece de longe o canto desolado do urutau e gosta de fotografar a paisagem que se forma a partir do crepúsculo oscilante da fronteira-sul. (Só não me está sendo mais difícil escrever esta história local do teorizador de nonadas porque eu já sabia, de antemão, que a grandeza dela estava no entorno de suas insignificâncias, de suas ninharias, acompanhada de seu des-sujeito bugresco, *formando* tudo a paisagem de uma biografia do cotidiano de uma vida fronteiraça.)

Nas terras da Revolta, como em toda a extensão da fronteira-sul, “Bugre” também sempre fora a designação melhor para homem fronteiroço nativo. Vejamos o porquê. Primeiro, porque a relação desse homem-fronteira com a natureza demanda o entendimento de uma ignorância intercorporal que jamais nenhuma filosofia racional podia sequer traduzir em palavras. Segundo, porque o modo desse bugre (e seu corpo) se movimentar dentro do espaço da natureza cria uma intercomunhão de sobrevivência entre ambos, permitindo que os corpos de ambos se prolonguem numa duração de com-vivialidade até sua transformação natural e pura. Terceiro, porque a *sabiduría* nativa desse homem-fronteira permite que ele *colha* do corpo dessa mãe-natureza tudo o que lhe aprouver para sua subsistência sem que ela sofra uma dor sequer em seu corpo aberto ao outro. Quarto, por esse des-sujeito bugresco parecer meio abandonado no centro do nada da natureza, pode parecer aos doutores do saber que ele não faz parte nem daquele mundo cosmológico em que se encontra, quando, na verdade, seu estado de viver e de sentir e de ser adianta que ele está de sentinela para a desobediência e o desprendimento com relação a tudo que vem de fora e queira se impor em sua história local fronteiraça. Quinto, homem fronteiroço nativo é bugre da cepa porque sua condição de andariego marca em seu corpo sua sina de atravessar fronteiras desde quando nasce até quando morre, atravessar pântanos e cerrados, atravessar as terras perigosas da Revolta e os ervais até se perder do outro lado da fronteira-sul ou na imensidão do Oeste.

(Reconheço que teria que fazer um tratado à parte para falar da relação entre o des-sujeito “Bugre” e o homem-fronteira nativo da região da fronteira-sul — lugar em que também nasci e que logo me dá o direito de falar e a partir do lugar com uma propriedade autoral indiscutível. Não é por acaso que *sou de onde penso*, e jamais o contrário. Aprendi essa lição com o teorizador, na verdade a partir de uma *conversa* sua, que tive a oportunidade de escutar, proferida numa de suas tantas aulas-conversas. Ao final daquela *conversa*, disse para mim mesmo:

— Um intelectual bugresco nativo e fronteiriço pode fazer a diferença entre todos que o cercam. E por vários motivos. Mas sobretudo porque ele não vem para repetir lições teóricas nem filosóficas, nem muito menos para ensinar; sua opção desobediente e pelo desprendimento propõe um des-aprendimento a partir da consciência de seu lugar no mundo e da *conversa* que mantém ancorada numa *sabiduría* nativa.

Bugre não nasce bugre, meus senhores. Bugre se torna bugre a partir da convivialidade que ele mantém com o lugar. E talvez uma das formas encontradas para se fazer entender tal afirmação esteja no que lemos na passagem de Bessa-Oliveira aposta como epígrafe acima, quando o autor diz que “um processo criativo biogeográfico é um processo do corpo que vive em situação de fronteira como espaço de exterioridade.”

SOBRE A COLONIALIDADE do corpo

O amor e a justiça de-coloniais buscam restaurar o mundo paradoxal do dar e receber, através de uma política da receptividade generosa, mundo esse inspirado pelos imperativos da descolonização e da de-gener-ação; são formas de desfazer o imaginário e o mundo social e geopolítico construídos a partir da naturalização da não-ética da guerra. Trata-se, portanto, de uma ética da descolonização ou da libertação, que orienta uma política radical de oposição à colonialidade em todas as suas formas.

Nelson Maldonado-Torres. *Sobre a colonialidade do ser*, p.57-58.

Valendo-me da passagem acima de Bessa-Oliveira, na qual ele reitera que *um processo criativo biogeográfico é um processo do corpo*, gostaria de concluir por ora esta pequena teorização retomando uma passagem que Nelson Maldonado-Torres faz em *Sobre a colonialidade do ser* (2022), quando ele repete uma das frases mais importantes de Franz Fanon sobre o corpo: “Ó, corpo meu, faz de mim, sempre, um homem que interrogue”.⁷ Antes, porém, de me deter, mesmo que de forma muito breve em uma passagem *Sobre a colonialidade do ser*, gostaria de ventilar a ideia de que uma teorização acerca de uma *corpobiogeografia* também pode e deve ser entendida como uma *teorização acerca da colonialidade do corpo*. Depois de dizer, na esteira da frase de Fanon,

⁷ Apud MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 56.

que “o corpo permite o encontro, a comunicação e a relação íntima com outros, mas também se converte, por sua mesma exposição, em objeto privilegiado da desumanização, através da racialização, da diferenciação sexual e de gênero”⁸, Maldonado-Torres afirma que “uma resposta consistente à colonialidade envolve tanto a descolonização quanto a degeneração (ou ação que rompe com as relações dominantes coloniais de gênero) como projetos. [...] O fim último da descolonização e da degeneração como projetos envolve a subversão radical do paradigma da guerra, tal como esse paradigma opera no mundo moderno”. E depois de nos lembrar em nota a seu texto que tanto *a descolonização quanto a degeneração caracterizam formas de pensamento e ação que são centrais para o que Walter Mignolo chamou de geo-política e corpo-política do conhecimento* (e é neste sentido que esta discussão aqui em torno da *colonialidade do ser* me interessa em particular), o autor de *Sobre a colonialidade do ser* conclui:

A descolonização e a degeneração não se referem a formas de autenticidade ancoradas em antecipações da morte. Elas obtêm, ao contrário, sua inspiração e sentido *na visão do corpo como abertura radical ao outro corpo e no escândalo frente à morte desse outro corpo*. A descolonização e a degeneração como projetos nascem, quando os sujeitos vão além dos estandartes da justiça e estão dispostos a substituir *seus próprios corpos pelos corpos relativos ao corpo desumanizado, ainda que às custas da própria morte*.⁹

38

Isso que grifo na passagem, o autor chama na sequência de “amor de-colonial”. Quero entender, para finalizar, que o modo fisiológico de privilegiar as *grafias-de-vida* do des-sujeito bugre na teorização proposta aqui endossa uma *corpobiogeografia* que nada mais seria do que um modo de teorizar intercorporal (um gesto transferencial) presidido por um *ato de amor (e de leitura) descolonial*.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte biogeográfica, processos criativos & a covid 19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

⁸ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 56.

⁹ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 57. (grifos meus).

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MIGNOLO, Walter. In: GIULIANO, Facundo (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis*. Recife: Cepe, 2020.

Artigo recebido em: 18 de novembro de 2021

Artigo Aprovado em: 23 de agosto de 2022.

